

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	24000
Semestre.....	42000
Anno.....	84000

# O PENSADOR

PUBLICA-SE

Tres vezes por mes, nos dias 10, 20 e 30.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

« Ut jura non sicut parvis fluctantibus, et crebrantur, quod ventis dicitur, in seipsum leventur, in salutem ad circumventores errant. »  
(S. Paulo, ad Epistolam, Epistolae Cap. V, v. 13)

Maranhão, 10 de Janeiro de 1881

Propriedade de uma associação

### O PENSADOR

MARANHÃO, 10 DE JANEIRO DE 1881.

#### O inimigo da luz

Presencia-se hoje um espectáculo sumamente agradável, imensamente consolador: o desmoronamento das velhas instituições.

Em todos os horizontes, que se alargão a cada momento, sente-se o despojar d'uma nova era. No azulado do céu vê-se um como sorriso de luz. E o relampagar do futuro.

Por toda a parte sente-se o caminhar acelerado de uma era nova, a era da crua dos pensadores, tendo na frente o claro deslumbrante das idéas de — oitenta e nove — que procura resgatar a consciencia humana, que morre calcada pelas patas peçadas do tigre romano — o papa.

A França bate de seu lado o maior dos flagellos sociais: o jesuitismo — que é para a sociedade cousa peor que o colera-morbus.

Em todos os países sente-se um como despertar humano. O despertar da humanidade é a morte das tyrannias. O acordar de um povo chama-se — revolução. A revolução nada mais é que a entrada do povo no gozo dos seus direitos. A revolução, que é uma procissão de beneficentia, é tambem uma orquestra. O enorme quebramento de cadeias produz uma symphonia divina.

Tudo prepara-se para uma batalha decisiva. O inimigo é o — passado — por traz do qual está o — papa a cuspir — Syllabus — parto monstruoso d'uma intelligencia parthética.

O exercito alli vem. Está proximo. Os clarins arremetem no espazo as notas sonoras e arrebatadoras da marselhesa.

Jesuitas! apromptai-vos. Fabricai vossos cartuchos com os livros do S. Thomaz d'Aquino. Fazei barricadas com as vossas biblias e as bullas de Sua Santidade, que tudo será inutil.

Jesuitas! O fracasso está perto. Vem furioso. Sabeis que traz elle consigo? A liberdade plena de consciencia, que é a vossa ruina.

Apromptai-vos soldados do Vaticano, que ides morrer!

O pensador ante o espectáculo maravilhoso, que offerecem os acontecimentos, não pode deixar de beatificar o presente pela garantia d'um futuro esplendido.

Mostrar da actualidade toda e qualquer porção do passado é preparar, para os vindouros, um porvir de paz. Esse porvir será o — amanhã — da liberdade humana.

É o que fazemos, nós que somos soldados, não que fracas, dessa cruzada, que tem por fim unico, libertar o mundo? Trabalhamos, tanto quanto nos é possível, pela causa do futuro, isto é, combatemos, com todas as nossas forças, essa entidade destestavel — o jesuita.

Não somos demolidores de religião alguma. O que não admitimos é o absurdo, é o abuso, é a especulação, é o commercio dos cultos. O que não admitimos é o aniquilamento da razão, é a degradação da intelligencia. O que não queremos é tropeços, que nos embaçarem a viagem, na estrada que trilhamos. O que nós queremos é luz nos espiritos, justiça nas consciencias e amor nos corações.

E quem especula com a relegião? O jesuita, unicamente o jesuita.

Ele fez da igreja, em prejuizo da religião, a sua amante querida. E della que outr'ora fora boa, formosa e pura, e que á custa de moos tratos tornou-se velha, feia e insupportavel, fez elle objecto de grandes negocios. Os rendimentos são espantosos. Valle a pena ser o amante d'uma tal corteza. Bã a terra e promette o cõo comulo da felicidade!

A caso temos este homem perverso, — o jesuita, — entre nós? Não o tinhamos, mas, por desgraça nossa, hoje o temos.

Foi uma vez. A diocese maranhense saloreava a mais agradável paz, nesta boa terra do Maranhão. Tudo ia optimamente. Quando, não sabemos como, o jesuita surge entre nós. E a placidez da vida do nosso honrado clero sentiu por sobre si o sopro frio d'um vento impregnado de miasmas enrugar-lhe a face limpa e serena.

Era o filho do S. Sulpicio, que tinha chegado.

É o Sr. D. Antonio, homem que podia ser muito bom, se não se fizesse tão mau, que podia ter em derredor de si o seu rebanho manso e obediente, se não transformasse o seu cajado, symbolo da paz, em grossa arma de guerra, que podia ser ovindo sem causar aborrecimento e somno, se fallasse sempre no seu lugar, que não fosse o culpado, onde é insupportabilissimo, ponde então pensar, pois lhe tinha chegado uma cabeça, o filho de S. Sulpicio, já tendo um braço direito, o Sr. padre Fonseca.

As cousas mandaram completamente de estalado. A discórdia desdobrou suas azas por sobre a nossa terra. Proibiram-se logo festas populares; abriu-se uma luta com diversas irmandades religiosas; creouse a sociedade — Coração de Jesus — passá tempo divertido de boatas, que em nada se occupão; insultou-se o corpo commercial; appareceu a — Civilisação — só no nome, para advogar os interesses catholicos; e finalmente as — cartas — aos magens, que nada valem, que nada podem valer, por nada terem dito, pois o seu digno autor só se occupa em transcrever o que anda escripto em infinitades de livros. Gigantesco trabalho d'uma intelligencia anã!!!

É o que quer o filho de S. Sulpicio com tudo isto? Lutar? Lutar com quem? Com o povo? Não acroffitamos. O povo detesta-o. Com a Maçonaria? Achamos impossivel. Ella despreza-o. E alem disso a Maçonaria é demasiado grande para incomodar-se com os ataques d'um padre, reaccionario, no intimo do qual só pode haver muita trejeja. Talvez que algum pobre invejoso já tenha atirado pedradas no sol por ser muito rico de luz. E as pedras cahom-lhe sobre a cabeça fazendo-o correr de vergonha.

Mas o filho de S. Sulpicio não dá a razão porque quer lutar com a Maçonaria, o que ella, cremos, nunca ha de fazer, pois seria descer muito e muito.

Quer lutar, mas lutar porque? Porque a Maçonaria é republicana? Mas tanto aceita ella no seu selo o monarchista como o republicano, o liberal como o conservador; logo não tem politica. Porque é ante-religiosa? Mas tanto recebe ella nas suas lojas o catholico como o protestante, o atlico, como o deista, o positivista como o materialista; logo não tem religião alguma, para poder ter todas, o que é d'uma vantagem incalculavel. D'ahi o odio profundo que tem o jesuita pela instituição maçonica.

O filho de S. Sulpicio odeia, com to-

das as forças de sua alma o espirito do século. Não poder destruir o que odeia é o maior tormento de sua vida.

Mas em quanto elle, remindo em si todos os sentimentos retrogados, se enraivece, desespera-se e grita como um louco das alturas imperceptiveis da — Civilisação — e de suas — cartas — contra todas as luzes do século, o progresso, com uma aureola de deoses e um cortejo brilhante do astris, passa indifferente, sereno, magestoso, ao lado do jesuita, cantando a marsella do futuro que é o — trabalho.

E esta a sorte dos reaccionarios — ficar — em quanto nós avançamos.

Ficai, jesuita, que nós vamos caminhar e progredir.

O progresso é o supremo destruidor do mal.

Jesuita! sereis destruido.

#### Nomeação de Vigario Geral.

De ha muito estava no dominio publico que as offensas feitas ao illustrado conego — civilisação — tinham um unico fim — desgustal-o, para que renunciasse ao alto cargo que occupava.

Mas que S. Exc. Hydm tivesse a fraqueza de substituí-lo pelo padre Mourão, é o que ninguém esperava, nem mesmo aquellos que conheciam de perto a triste dependencia, em que, segundo dizem, vive o infeliz Diocesano.

Que um bispo faça acintes ao povo, que, conscio de seus deveras, tem a coragem de censurar-lhe os disparates; explica-se pela carencia absoluta d'illustração; mas que esse mesmo bispo, esquecendo os Santos principios de piedade e justiça, que como autoridade ecclesiastica tem dupla obrigação de respeitar, culpe aos pés sagrados direitos adquiridos por vellos servidores da igreja, para galardoar um padre estranho á Diocese e antipathico ao Maranhão inteiro; só pôde ter explicação na citada subservencia.

E quando uma autoridade superior deixa-se dominar assim por um subalterno, inverte-se a ordem social e o respeito aniquila-se, subsistindo a mais profunda das compaixões.

A nomeação de Vigario Geral veio dar ao publico a medida da grandeza d'alma do bispo do Maranhão. E o padre Mourão accetando aquelle cargo andou mal avisado; pois longe não virá o dia, em que S. Beym, se ha-de arrepender, mas então já será tarde, porque o publico, esse juiz severo e voralheiro já terá pronunciado o seu *Videtur esanguior*.

O Pensador em nome do povo maranhense e do Clero arbitrariamente esbulhado em seus direitos, levanta um solemne protesto contra essa inqualificavel iniquidade do actual bispo diocesano.

#### Os crimes da Civilisação e o crime do Pensador.

A Civilisação do primeiro do corrente mez traz um importantissimo artigo sobre o Boletim que distribuimos no dia 24 de dezembro. Esse artigo é um apello ao Governo, é uma reclamação feita a autoridade constituida. Tal apello, tal reclamação, tem um unico fim — pedir aos poderes publicos penas e castigos para a humilde redacção do Pensador.

Ha muito habituados ás preleções

exorbitantes dos redactores do orgão catholico não nos causa pasmo um tal pedido, ou antes exigencia. Achar-mo-natural, e mais justo do que vulgarmente se pode pensar. E tanto assim pensamos que regamos á autoridade que se digne tratar como conveni da interpellação que lhe foi dirigida por esse poder publico sem contestação possivel — a redacção da *Civilisação*.

Infortunado porem temos que acrescentar alguma cousa a esta supplica. É um augmento que não pode prejudicar a ninguém. É um acrescimo necessario, pois que nós tambem vamos hoje chamar a attenção do Governo para a gazeta ebericall. Vamos fazel-o porque, já que pretendem transformar-nos em criminosos, temos o direito tambem de provar que o crime não existe só do nosso lado, e no tribunal em que fomos forçados a comparecer sei-o-hão tambem nossos contendores.

Qualificando o nosso Boletim de incriminatório, de mudo REVOLUCIONARIO, de APOLLO AUBAZ ao carcere, parece que a digna *Civilisação* devia comprehender melhor do que ninguém a situação de que o nosso Boletim foi a expressião. Devia-o porque havia sido ella que a cavara. Devia-o, porque essa situação fora a obra dos seus redactores. E se não veja-se que a situação era essa.

Vivendo ha muita na placidez, resguardada dos ventos agitados da revolução pela indole tranquilla de seus habitantes, estava essa provincia mergulhada no leilargo do bem estar quando, vindo das plagas do Pará, aqui aportou uma carga de bilis. Carregamento finesto era esse que vinha destruir a calma que se gozava aqui. A provincia sentiu logo a influencia d'essa pezada mercaderia. Sentiu-a horrivelmente como se sente uma epidemia. Sentiu-a minando-lhe o segoço, destruindo-lhe a tranquillidade. Sentiu-a intrahndo a disordem no corpo social. Sentiu-a prejudicando á economia vital de seus orgãos.

E, cousa triste de dizer-se! essa bilis vinha sob a forma do um sacerdote, de um homem destinado a chamar almas ao gremio da Igreja! Essa bilis fizera avatar no corpo de um ministro de Christo! Esse fermento de desordem occultava-se delexio d'uma hação! Era o mal sob as apparencias do bem...

E o Maranhão breve teve que soffrer. Elle — o povo pacifico por excellencia, vio-se logo alvo de ataques de todo o genero. S. Exc. Hydm, de quem a bilis se apoderara começa a tratar os seus diocesanos como quem trata escravos. Do alto da tribuna sagrada chovem insultos e injurias contra o povo. Baixam portarias episcopales prohibindo festas por motivos altamente injurias para uma população civilizada. Apparecem escriptos em que veladamente se trata o commercio da LAMBÓ. Surge affluu um jornal catholico — meio de uma propaganda lunelrosa.

Fôra o effeito da bilis que aportara. Ella — a desordem, havia-se entranhado na provincia. Conseguira insultar o povo, fundara irmandades condemnadas pela moral escrupulosa, e finalmente chegara a crear um orgão jornalístico, como de discórdia que lancara em meio da imprensa maranhense.

Este jornal foi a *Civilisação*. A *Civilisação* que o povo acolheu com enorme repugnancia. A *Civilisação* — toxico das

consciências, que vinha pregar em prol d'uma causa funesta ao bem estar da sociedade moderna.

Mas ante a audacia imensa da reacção que tudo queria avassallar, um grito rebentou dos pulmões populares. O *Pensador* nasce e, forte da causa que defende, ergue-se como um digno as ondas do fatalismo que quer transbordar. Filho da necessidade trabalha para obstar á letra moral que tudo pretende invadir.

A billis então estremece. Já o jornal catholico não é escondouro sufficiente para as suas iras. As cartas aos marceiros surgem pejudicas de calumnias e d'impropriedades. Surgem vicenda de mendicâncias, d'insuações perfidas, de falsidades descommunes. Alli ataca-se tudo. Nem a autoridade publica é respeitada. Diz-se que «as leis não se executam n'este paiz». Trata-se da vida privada de um magno e pinta-se o physicamente. Falla-se contra tudo e contra todos. Veladamente atira-se aos magãos o epitheto de assassinos.

E a *Civilização* triba o mesmo camuflado das cartas. A magistratura *omnibus* é um baluarte desmontado. Insulta-se o Governo por causa de umas caricaturas. Altrahe-se o odio sobre todas as classes sociais.

Tal era a situação do Maranhão quando S. Exc. Rvm. pensou em prohibir as missas do Natal, tal era o estado dos espiritos quando do alto da sua dignidade episcopal quiz ferir o povo maranhense negando-lhe missas que por habito tem constantemente ouvido. A prohibição era um insulto á população, porque não obstante a portaria publicada ulteriormente não ser offensiva, as que foram expedidas aos vigarios eram-no. Sahemol-o de fonte limpa, e se não apresentamos as provas é porque não queremos prejudicar ás pessoas honestas que nos comminaram o facto. A razão que constava d'essas portarias era altamente injuriosa. Ah! dizia-se que a prohibição era para «ENTRAR ESCANDALOS PUBLICOS».

Foi sobre a impressão d'esta injuria atremessada a um povo que escrevemos o *Boletim*. A colera, a indignação, domi-nou-nos então, e d'ahi a violencia com que nos expressamos. Não tínhamos por-nem plano, não trabalhavamos para uma sedição. O que pretendiamos fazer era mostrar ao filho de S. Sulpicio o perigo que por acaso poderia para elle haver em desprezear uma população que, levada pela necessidade, podia ser arrojada ás medidas extremas. Foi isto o que fizemos, e, não obstante haverem no dia 24 distribuido a *Civilização* com uma grande anticipação como para parar ao bote que lhe enviavamos (de que teve conhecimento pelos espões), o publico aceitou nosso *Boletim* como a fiel expressão do pensamento do povo.

Hoje faz-nos a gazeta clerical guerra por causa da violencia com que nos expressamos. Quer recorrer á autoridade publica para nos fazer comparecer nos tribunaes. Exige do Governo a repressão para o que chama *nosso crime*. Faz bem em proceder assim. Mas pense que a justiça que nos processar ha-de tambem mover processo áquelles que lhe chamaram BALUARTE DESMONTADO. Se nós do *Pensador* não respeitamos a lei, vós tambem a desrespeitastes. Se houver punição para o *nosso crime*, nós tambem trabalharemos para a punição do vosso. Não nos recusamos a soffrer o castigo. Estamos promptos a caminhar para a prisão, contanto que as perlas que se fecharem sobre nós se fechem tambem sobre vós.

Mas não. O Governo ha-de comprehender o que queremos. Não nos processará, porque fazel-o seria processar-vos tambem. A autoridade de vós tem compaixão. Quando vos expozdes cegamente ao castigo ella não quer aproveitar-se de vosso erro. Deixa-vos fallar porque porque não lhe fazeis massa.

Nós que não temos a força e a energia da autoridade, osannos contudo paradoxal-*t*. Tambem declaramos que, de vós nada receamos, nenhuma impressão nos fazem vossas censuras e injurias. Sois adversarios bem mesquinhos.

**A parvoíce — orgulhoso.**

Já havíamos escripto nosso primeiro artigo sobre a «Civilização» quando ás mãos nos veio ter o titulo numero da gazeta clerical.

Satisfeito pela importancia que lhe dispensou o jornal official dignando-se responder-lhe, apresenta-se o orgão dos interesses catholicos christando a lingua da sua fragil argumentação para obter dos poderes publicos uma punição para aquelles que redigiram o *Boletim* que no dia 24 distribuímos.

A intencção do jornal catholico é de sua natureza extremamente ridícula. Conviem continui d'ella tratar á luz da lei. Já que os reacçionarios maranhenses exigem da autoridade o procedimento *ex-officio* contra nós, necessario se torna saber se no *Boletim* ha crime, quer publico, quer particular. Só no caso do crime publico pode a justiça proceder *ex-officio*. Interrogue-mos o codigo criminal brasileiro sobre esta materia.

O artigo 90 do codigo estabelece a seguinte disposição commum:

«Provocar directamente por escriptos impressos, lithographados ou gravados, que se distribuirem por mais de quinze pessoas, aos crimes especificados nos artigos 68, 85, 86, 87, 88 e 89.

Penas—de prisão por um a quatro annos, e multa correspondente á metade do tempo.

Se a provocação for por escriptos não impressos que se distribuirem por mais de quinze pessoas, ou por discursos proferidos em publicas reuniões.

Penas—de prisão por seis mezes a dois annos e multa correspondente á metade do tempo.»

Eis o que estatue o codigo criminal. Vejamos agora o que rezam os artigos a que se refere a disposição.

Art. 68.—Tentar directamente e por factos destruir a independencia e integridade do Imperio.

Penas—de prisão com trabalhos por cinco a quinze annos.

Se o crime se consummar.

Penas—de prisão perpetua com trabalho no grão maximo, prisão com trabalho por vinte annos no medio, e por dez no minimo.

Art. 85. Tentar directamente e por factos destruir a Constituição politica do Imperio, ou a forma de Governo estabelecida.

Penas—de prisão com trabalhos de cinco a quinze annos.

Se o crime se consummar.

Penas—de prisão perpetua com trabalho no grão maximo, prisão com trabalho por vinte no medio, e por dez no minimo.

Art. 80. Tentar directamente e por factos destruir algum ou alguns artigos da Constituição.

Penas—de prisão com trabalho de trez a doze annos.

Se o crime se consummar.

Penas—de prisão com trabalho por vinte annos no grão maximo, de doze no medio, e por seis no minimo.

Art. 87. Tentar directamente e por factos destrahir o Imperador, privar-o em todo ou em parte da sua autoridade constitucional, ou alterar a ordem legitima da successão.

Penas—de prisão com trabalhos por cinco a quinze annos.

Se o crime se consummar.

Penas—de prisão perpetua com trabalho no grão maximo, prisão com trabalho por vinte annos no medio, e por dez no minimo.

Art. 88. Tentar directamente e por factos uma falsa justificação da impossibilidade physica ou moral do Imperador. (omittimos as penas)

Art. 88. Tentar directamente e por factos contra a Regencia ou Regente, para privar-o em todo ou em parte da sua autoridade constitucional. (omittimos as penas)

Como se pode deprehender não se acha no *Boletim* que publicamos offensa alguma a estas disposições do codigo, salvo

se o filho de S. Sulpicio achar que a sua mesquinha individualidade está á altura de qualquer d'estes poderes publicos, o que seria soberanamente irrisorio.

O artigo 119 do mesmo codigo estabelece tambem o seguinte:

«Provocar directamente por escriptos impressos, lithographados ou gravados, que se distribuirem por mais de 15 pessoas, aos crimes especificados nos capitulos 3.º, 4.º e 5.º, e bem assim desobedecer ás leis. (omittimos as penas)

Ora pela inspecção do codigo vê-se que os capitulos 3.º, 4.º e 5.º tratam das crimes de *sedição, insurreicção, e resistencia*. Estes crimes attizam-se d'induzidos nos artigos 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, e 118, e em nenhuma d'elles está mecurso o *Boletim*.

O que se deve portanto julgar do pedido feito pela «Civilização» exigindo da autoridade o procedimento *ex-officio*?—Eua só consta—que os redactores d'esse periodico jogam á altura de um crime publico o facto de os desprezarem. Prometter eacete ao filho de S. Sulpicio! Oh! é o mesmo que attentar contra a Constituição!

E assim que pensa o D. Quixote da «Civilização»: e assim que comprehende a lei esta mediocridade insolente. Vejamos se com um parva—orgulhoso d'este quilate se pode manter uma discussão seria!...

Respondendo ao *Publicador* a tal gazeta clerical pretende insinuar que o Governo desapprova a attitude que ha assumido o *Pensador*. Procura dar a entender que a autoridade nos reprova. Astuta trabalha para nos cobrir de odio. Não se lembra ou finge não lembrar-se de que o jornal official disse—*condemnavamos os desvios de linguagem que ahí se notavam*. Esta palavra *notavam* estabelece que a reprovação de *Pensador* abrange tambem a «Civilização». O *Pensador* não podia fazer *trovas de linguagem* consigo mesmo. Seria absurdo pensal-o.

E além disso deve o jornal catholico lembrar-se do conselho com que o jornal official termina a sua resposta. Est-conselho estabelece que o *primeiro culpado* é a «Civilização». Na conducta do orgão clerical foi o Governo buscar a razão da attitude do *Pensador*.... Veja se comprehende o que isto significa.

Já vai longa esta resposta de que não é digna a «Civilização». Se seus redactores nos quizerem processar estamos promptos a comparecer nos tribunaes. Será porem como réus de crime particular (caso exista), e esse crime nosso tambem nos dará azo a estabelecer o crime da «Civilização».

Uma ultima reflexão. O *Boletim*, se encerra ameaças, é contra o filho de S. Sulpicio e não contra o Sr. D. Antonio d'Alvaronga. São os infames e os calumniadores é que podem pretendel-o. Pretendel-o-la o Dr. Mourão?....

**COLLABORAÇÃO**

**A verdade e a Civilização de sachristia.**

Foi em todos os tempos a mentira, a arma predilecta da imprensa jesuitica. E digno-o com franqueza, nada mais coerente e natural.

Sem a mentira como poderiam essas miseraveis tartufos impingir as suas *essentissimas lóbes* e flutar as algibeiras dos licantos cuja credibilidade exploram baixa o descaradamente?

A mentira pois lhes é tão absoluta-mente necessaria, como o ar que respiram e a agua que bebem. Mas de todos os jornaes miltitudos catholicos—verdadeiro insulto á religião do Crucificado—nenhum manega a mentira com mais valor e sapiencia do que a *Civilização de sachristia*.

A beata gazeta, a proposito da mais insignificante banalidade, ou do assumpto mais serio e momentoso, mente e mento desbragadamente.

Eis uma prova: Na tarde de 24 de Dezembro p. p.

distribuiu O *Pensador* um boletim escripto em linguagem energica e vehemente, em que verberava o animo dislate do bispo diocesano, que, com o unico fim de ferir o digno Visconde de Linqui do Norte, prohibira as missas do Natal em qualquer igreja, ou capella, a não ser na Cathedral e respectivas Paroquias.

A indignação publica foi extraordinaria e o boletim teve uma tiragem es-timada—2003 exemplares! Nos muitos grupos que se vão reunidos pelos campos, nem uma voz se levantava para des-enfocar o acto irreverente de S. Exc.

Os proprios e raras bajuladores, que vivem a custa do bispo, não ouviam apparecer em publico para defendel-o.

Eacá, a accusação geral. Todos a uma proflagavam o procedimento do prelado, que busca voluntariamente o desprestigio da sua autoridade.

No meio deste concerto miliferno de justissimas censuras, apparece a *Civilização de sachristia* com uma dozeza fustosa e caritativa, que a ser veridica assignala ao Sr. D. Antonio de Alvaronga uma bem triste e secundaria posição. Diz o beato papel—*que S. Exc. prohibiu as missas em virtude das decisões da sagrada congregação do concilio, que só as permite por indulto apostolico, que não temos em Alvaronga*.

Ou S. Exc. Rvm. ignora as leis da igreja, pois no anno de 1879 não prohibiu as missas do Natal, ou o citado indulto apostolico é mais uma pulla da *Civilização de sachristia*, que S. Exc. ergulho com boecia credulidade, servindo assim de pignote ao tufeto de S. Sulpicio, que faz praça—com uma impudencia digna de severo castigo—da sua imaginaria preponderancia.

Mas seja como for, a conclusão logica deste tristissimo diuermio é que S. Exc. Rvm. não está na altura do cargo que lhe contiaram e deve quanto antes resignal-o, para tranquillidade sua e deste bom e illustrado povo maranhense.

O Marquez de Pombal.

**Vai com vós á civilização.**

Uma sociedade bem constituida vive do respeito á lei.

Desde que desapareça esse respeito, para dar lugar á protecção, ou ao patronato, vem a anarchia—o desmoranamento d'essa sociedade.

A *omittimos* tem-se feito o *avento* da lei. Ninguém toque nas reverendas pessoas de seus redactores ou do Bispo Diocesano. Ella não o consente.

Qualquer observação que se faça a seu respeito é, diz ella, um insulto, e como tal deve ser punido.

Mas com ella não se dá o mesmo. A redacção da *omittimos* justifica, embora inconscientemente, certo adagio... Ella vive sempre a dirigir indirectas a este, áquelle, e, comsua admiravel! nem as primeiras autoridades da provincia lhe escapam. S. Exc. o nullo digno Presidente da Provincia e o illustre Chefe de Policia sam continuamente victimas dos *zelos* que a *omittimos* tem pela lei.

Não se lembram, porem, os reverendos redactores da *omittimos* de chamar a attenção dos poderes publicos para certos factos que se dão lá por seus arraiaes.

Ja que o *omittimos* não vê o que se passa em casa, propoemo-nos a fazer-lhe ver o que por lá va. Havemos de mostrar á *omittimos* que não somos nós os violadores da lei. Aquelles que nob-o incapram, merecem mais este epitheto do que nós. Para prova-o, basta que lauremos mão d'um facto mais proximo.

O reverendo redactor da *omittimos*, padre Raimundo Alves da Fonseca, é capellão capitulo da exercicio. Comunal, percohe julgos ordenados. E o servico, confesse-se, não é a grande coisa. Isto, porem, nada tem que ver com o que pretendemos dizer.

A vista do que dispõe a imperial resolução de 8 de julho de 1866, militar algum poderá aceitar emprego d'ordem civil. Ora, o padre Fonseca, ninguém o negará, é militar. Não podia, portanto

aceitar a nomeação de lente da cadeira de philosophia do lyceu \* desta cidade e do Vice-Reitor do Seminario.

As recentes decisões do governo imperial vem justificar nossas asserções. Ultimamente foi declarado, pelo ministerio da guerra, a presidencia da provincia do Para, que, à vista da citada resolução, devia o 2.º cirurgião do corpo de saudo do exercito, Dr. Ignacio Justo Ribeiro, pedir demissão do servico do exercito se quizesse accoar o lugar de lente da 2.ª cadeira de latina do Lyceu d'aquella provincia.

Os casos são identicos. O Dr. Ignacio Ribeiro era lente; assim como o e o padre Fonseca. Ambos foram nomeados para os lugares de lentes. A decisão do governo imperial e, pois, applicavel ao padre Fonseca.

S. Exc. o Sr. Dr. Cinchato, amante como e da lei, não deixará, conlhamos, de prestar séria attenção ás nossas palavras, fillas da muito respeito que tributamos a lei, cujo imperio desejamos.

Hupp.

ECHOS DA RUA.

Notas social-religiosas de 1880, ou o inventario das mentiras da *Civilisação*. Diz a *Viçosa* no seu n. 21:

«Que o rei de Portugal consente que os jesuitas estabeleçam novos collegios.» —E' mentira, pois o governo já tomou providencias sobre esses *Collegios* da religião.

«Que a reforma eleitoral abriu largo rombo na Constituição do Imperio.» —E' mentira. Onde ella abriu rombo foi nas algibeiras dos *santissimos* tartufos, tirando-lhes o Geniterio.

«Que a religião catholica e perse uida nas suas doutrinas, nos seus ministros e nos seus institutos.» —E' mentira. Os perseguidos são apenas os Mourões, os FONSECAS e outras *pinhentas* seu fil.

«Que houve constantes predicas nas egrejas, com notavel concurso do povo.» —E' mentira, pois os *cateches* do D. Antonio foram apenas ouvidos pela *Caceteira*, seu bando e respectivos *chertabulos*.

«Que houve instalação do coração de Jesus.» —E' mentira. O que houve foi o estabelecimento da santa pandega fornecedora dos viveres dos *santissimos* tartufos.

«Que se fizeram notaveis melhoramentos no edificio que serve de Asylo.» —E' mentira. O que a houve de novo foi a morte do gallo, que fazia sombra a S. Exc. Revm. e as visitas *caestodoras* d'este.

«Que se fundou uma associação de S. Luiz Gonzaga.» —E' mentira. O que se arranjou foi um meio de *alaparlar* as mezadas dos meninos, em nome da santa religião.

«Que se fundou uma typographia exclusivamente jesuitica.» —E' verdade. Mas onde se lê typographia, lê-se estrebearia.

Aos cinco assignantes que ainda vivem o primeiro trimestre, suspendulentes a entrega do jornal, se não pagarem até a sahida do proximo numero. —Se querem jornal de graça procurem a *Chelisa-o-cão*.

Não obstante o truanesco uivar dos lobos de Santo Antonio; não obstante a quizesca tirada do *Perigo* contra os *prudentes*; não obstante as ultimas pat-

das dadas em Frei Freitas e no conego Purificação; não obstante as vomitivas carlas aos maçons; não obstante a exigida alijança, que não se fez; caxone-se no dia 4.º deste anno um dos mais distinctos e sympathicos Maçons do Maranhão.

—Este facto se bem que não abone a *proverbial* *chereancia* do bispo diocesano, attesta todavia o seu modo e nobrezaquelle antigo e patisco rifo. . .

Diz o Vigario de *Pávoa* que o Revd. padre Fonseca vai pedir-nos indemnisação por lhe termos plagiado aquelles chistosos versos—*Vamos a c'ra lá do Mourão* & c.

—Tem toda a razão o padre, mas nós os achamos tão boubinhos. . .

Seo Pareza diz, a quem o quer ouvir, que S. Exc. Revm. consente no casamento porque o distincto Facultativo promette cural-o da *galtonaia*.

—Coitadinho do *co-co-ro-co*.

O Revd. Candido Marinho disse em uma loja que o bispo ha-de vender a maçonaria.

—Tem razão o conego *barrido*, mas o que lhe falta e senso *commun*.

Lê-se na *Geotha*, jornal que se publica em Tambaté:

«Desseos padres, de uma só vez, acabam de ser afogados em New-York, por ter afundado no rio o barco que os conduzia.

A liquidação foi completa.» —Não foi, não senhor, ainda cá ficaram, por infelicidade nossa, Frei Fonseca e Frei Mourão.

«Pode, diz a *Viçosa*, um governo regular ficar indiferente a esta propaganda revolucionaria?»

—Não pode, nem deve. E a prova e que o do Ceará, em tempos idos, chegou a offerecer duzentos mil reis por cada cabeça de *Mourão*, que lhe trouxessem.

No ultimo casamento ficou provado que a estola e sobrepelliz de nada valem; e que o diadema de maçon cheira tambem como outro qualquer.

—O mundo marcha.

O *perigoso* *impetado* transcrevendo pedagos do nosso holedim omitido intencionalmente o qualificativo parvos, que antecedia o substantivo bispos.

—Este tartufo e bajnador até á custa alhoia.

No dia 1.º do corrente seo Pareza foi á missa ao Convento, a carro; e ao aparr-se assou-se nos dedos!

—Isto e feito seo Pareza. Quem anda a carro, ou deixa o nariz ranhoso em caza, ou usa lenço.

A redacção d'O Pensador vai publicar uma serie de romances sob a denominação de—*Dramas de confessorio*—sendo o primeiro intitulado—*BBISTOL, PIROCAUA e C.*

—O juizo critico será dos distinctos Srs. Rego e Brandão.

O gaito D. Gerba pediu um cravo a linda pastora Honorina, e a galante menina mandou-o *tocar corneta*.

—Uns cravos que tu precisas Antoninho, nós bem sabemos quês são.

Uma gentil menina, que leit a ultima chronica d'O Pensador, vendo assomar no principio da rua o bispo diocesano, chamou a mãe, dizendo precipitadamente: venha depressa, venha ver o GALLO PENHOX.

—Tem graça.

SPECIMEN DE PORTUGUEZ: Lê-se na *Viçosa*, n. 22:— «O *Brazil Catholico* o nosso artigo editorial sobre o fallecimento do illustre Visconde do Rio Branco, *procedeu-o* das seguintes judiciosas ponderações.»

—Prê-se a decifração.

O *perigoso* *impetado* disse no 7.º passim que o diabo em pessoa presidia em Franca uma Loja *Moconica*!!! —Este tartufo e burro sem mistura.

Ha dias uma menina de 18 annos, acompanhada de uma mulata *pipopona*, foi pedir a D. Gerba protecção para ser *cecolhada*.

O *virtuoso* *corneta* antes de lhe dar a resposta, senta-a sobre os joelhos, amima-a todo *compadecido*, interroga a uma e a outra, e, depois do meia hora d'*innocente* *carete*, diz-lhe que não podia ser: tendo porem a franqueza de confessar á mulata—*que havia mesmo gostado mais d'ella, do que da propria menina*.

—Scenas edificantes. . .

O MELATO. Com este titulo será no principio do mez vindouro publicado um romance do Sr. Aluizio Azevedo, no qual o author propoe-se argumentar abusos religiosos, que se dão n'esta cidade. Recebem-se assignaturas nesta redacção.

Movimento dos templos—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Quantity. Rows include: Beatas sem privilegio (5), Ditas da santa melgueira (18), Theosoureira avantajada (1), Zeladora extensa (1), Grande chela coxé (1), Seo puminho goitoso (1), Jesuitas trefegos (3), Curiosos diversos (8).

NB.—Sen pareza não foi por estar com defluxo.

Pauta semanal das visitas de D. Gerba ao Convento.

Dezembro—1880.

De 27 a 31 não foi com medo d'O Pensador.

Janveiro—1881.

- 1.—Entrou ás 7, dançou de gallego com as Pastoralhas e sahio á 1 com dois cravos brancos, que ia cheirando todo *derretido*.
2.—Entrou ás 7 1/2 e sahio ás 12 1/4 com 2 fôrnições e 1 infantil.
3.—Não foi beber *Tiquara*.
4.—Não foi comer *Pé de moleque*.
5.—Não foi ao *Carro*.
6.—Entrou ás 7 da manhã, servio de porteiro, foi grosseiro com os homens; ridiculo com as senhoras, tirou a capa, ficou mais a fresca, cantou, foi tudo quanto e possível, menos o que devia ser e sahio ás 6 da tarde!!!
—Coitado. . . Deus lhe dê juizo.

Soror Poupador.

VARIEDADE.

AVE PATER!

Cabra a cabeça, vizinho, Não chegue mesmo ao balcão, Que perfo vem, quem diria! Um medonho furacão: Eu creio na prophécia Do nosso santo Motirão: (E Elle já vive na Graça! Olhe, não e chalaça.

A gazeta do bispado Avia inspirado no céu, Quando ella falla em milagre,

\*) Lê-se na *Civilisação* de 1.º do corrente: O Paiz publicou um telegramma annunciando que a reforma eleitoral passou em terceira discussão no Senado.—E' provavel que depois de sancionada a lei haja algum acontecimento politico.—Faram incluidos os acatholicos no projecto votado contra a opinião dos homens mais eminentes do paiz.

Eu vejo tudo sem viço: O successo e cousa certa, Não vai n'isso um escentreo O *Robalo* não descaça; Quando pode, tudo dança.

Aquelle maldito artigo Da Reforma eleitoral, Nos disse o dauto Fonseca E' uma praga infernal! Se o diabo mecheo n'isto Não vamos bem, vamos mal, Satanaz no Parlamento, Que desgraça, que tormento!

Quanto diz o dauto Bispo Confirma a *Civilisação*: E' medonho o que se espera Na hora da Eleição; Por isso mil para-raios Encomendou o Mourão Aquelle padre e propheta E nada tem de potera.

Orvi rosar que o diabo Seguido de Senadores, De maçons e protestantes, E dos livres pensadores Tocará fogo as egrejas Sem poupar seus defensores; Mas que nada a Christandade Sofrêra dess'entidade.

Com salpicos d'agua benta, Disse o nosso capellão, Forra o Bispo a ventão Do *habulo* caxorrão, Que tenta de Roma a pedra Mover com a revolução. O milagre annunciado Ha de vir no dia azado.

Chovão raios e curiscos— Seja fogo, a terra, o mar Os padres da nossa Igreja Não de sempre triumphar: Par um milagre a Reforma Aqui ha de buaquear, Tal e o successo augusto Qu'espera a Bispo sem susto.

Pois eu sempre tenho medo, Vizinho, do furacão, O demo, sei, não se arranja C'o a gente da *Civilisação*, Mas se acabar a tormenta Eu geral indigestão?! O Tando, meu vizinho, Nos dará logo um copinho.

Estas palavras baixinho cochichayão Os dons irmãos das almas com pavor, Quando em voz do falsete na longe canta Um terno trovador:

Eu sou de S. Paulo; criade entre burras As manhas do burro tonui; aprendi, Querendo ser serio laguei a viola, Querendo ser grande, da serra descí.

Soldado valente do grande Tobias Andei pelas rampas de lago e farão, Se havia combate, estava eu doente, Se havia cantigas, me dava por são.

Vencida a revolta, mudei de devisa, Corruendo tornei-me sanhufo e cruel, Em nome de Christo concuquei direitos, Ao nome de Merozes eu devo este anal

(\*) Onde s'impinge theologia por philosophia.

Agora na posse de poder immenso Ao lado dos grandes Magrão e Mourão Darão uma sova nos mãos pensadores, Firmando a soréja no bom Maranhão.

X. P. Y. O

CHRONICA.

No ultimo dia do anno passado morreu e enterrou-se um moço intelligente do vinte e um annos de idade—Frederico Mauriz.

Foi uma decepção para nós a morte desse rapaz—elle era bom e forte, combatia pelas idéas suas e não aspirava a mais do que qual-quer outro moço bem intencionado—uma idéa sublimis para sacrificar-se por ella.

Mauriz exalou o ultimo suspiro longe da familia, bem cercado de amigos e companheiros de trabalho.

Depois que calou doente immos vel-o consuzes por dia.

veio; era na rua da Elle estava deitado com as pernas escaeca meio aberta e as mãos sobre o peito—soffria.

Nós queriamos fallar-lhe, porem elle respondia nos delirios da febre—já quasi não se entendia o que dizia, a voz arrastava-se-lhe com muita difficuldade.

Deram-lhe um padre—elle repelli-o com máo humor.

Um dia antes de morrer perdeu toda a perceptibilidade e cabio n'uma prostração aterradora. Os cuidados dos amigos e esforços do sr. dr. Azeite foram inúteis—a pobre criança morreu no quinto dia de cama.

A tarde reuniram-se uns cem rapazes na republica, tomaram nas braças o caixão e levaram-no a pulso até o cemitério.

Foi um enterro solenne e especialmente decente—ali não estava nloguem pela minima consideração aos parentes do morto, estavam pelo proprio merito. Não houve convites—quem quiz, apresentou-se. E todas aquellas cabeças, onde não havia ainda um cabello branco, iam respeitosamente descobertas, não se fumava, não se ria, não se dizia chalazas.

Só o Vicente da casa do Azeite, todo enfiado da digestão do jantar, suado, vermelho, apoplectico, destacava-se do grupo com o seu grande e corrompido chapéo de pelo enterrado até as orelhas.

Contudo o enterro não foi como desejavam os rapazes—queriam fazel-o sem umas certas formalidades ridiculas—como a de levar na frente do cadaver um padre com uma cruz e a de plantar ao defunto com a roupa carnavalesca—ahi de qualquer santo ou de qualquer irmandade, mas não conseguiram—Mauriz foi vestido de cores vivas e o padre Miranda dirigia o enterro, com o seu passo estudado e cheio de feocricia.

Na occasião de descer o corpo a sepultura fallaram positivamente os srs. Manuel de Dêlhencourt, Eduardo Ribeiro, Pacifico da Cunha e o actor destas linhas. Não houve rhetorica pallia, não houve dissertações religiosas, não houve exageros de elogio, não houve affectação, não houve lyrismo, não houve mentira—felizmente ninguém abandonou o acto, e o cadaver enterrou-se entre algumas lagrimas sinceras de amigos e algumas considerações serias a respeito da transformação da materia.

E mais nada!

Cumpre-nos todavia, como amigo, apreciador e companheiro do morto, agradecer o a

Sr. Luiz Travassos da Roza os bons e expositivos serviços prestados por s. s. a Frederico Mauriz—um poe não fazia mais pelo filho do que s. s. fez por elle. Obrigado!

Ladislau! Ladislau! chama-nos ali o rogaro Mourão, que vai passando, lá-n vir cá—estamos doado por fallar com elle!

Doutor, entre! entre para cá! não faça cerimonia! vá entrando! vá entrando! olhe! sente-se aqui—este lugar é mais fresco do-que o seu chapéu-sinha e o seu guarda-chuva. Ladislau!—um copo de cerveja para o doutor!

—A' verdade!

—Então como tem ido vocemecê! Nós o encomodamos, doutor, porque precisamos dar-lhe dois dedos de palestra. Mas descanse primeiro, descanse primeira! Fuma? Ah! cheiro—pois venha lá essa pitada!

—Então, como vamos de festas, doutor?

—Mal? Pois olhe temo-nos divertido muito—tem sido uma rola viva de hailes e patiscodas—assistimos as magnificas festas da visconde d'Alqui—não houve missa, porque s. exc. redm entendeu que não devia haver, mas cantou-se o Noe!, isto é, festejou-se civilmente a noite de Natal; estivemos tambem em casa do velho Branco. O doutor não conhece o velho Branco?!—é um excellente homem, muito amavel e divertido, sabe receber, vimos de lá ao cair da dia—brincou-se muito—chegamos a dançar o carangueijo!

O doutor a'guem dia dançou o carangueijo?

—Ah! então não sabe quanto aquil é bom! Imagine que é assim... tenha a bondade de levantar-se e acompanhar com palmas o que fomos cantando. Vamos!

o Carangueijo não é peixe.

o Carangueijo peixe é!

o Carangueijo só é peixe

Na rucheite da varê!

Agora dê cá as mãos e faça uma volta conosco—assim! Bravo! Está bom! está bom! já basta, doutor! isto tambem não vai a matar!

O que igualmente esteve soberbo foi a vespera de Reis—o Anibal é um rapaz de gosto, que s'apree (—bons vinhos! bons hailes! e crime em chocolate! O doutor gosta de chocolate?!

—Não?! Pois olhe é uma cousinha que lhe servia! Tome chocolate, doutor!

—E' verdade! vio o Reis da Bahia?!

—Pois creia que estava engraçado! Mas que noivas, doutor! que noivas lá iam!... uma de braço dado ao município do Satê. Estivemos a olhá-las com o Totonio Salles—uma troça, doutor, uma troça!

—Mas vamos ao que seive—o doutor sabe que o chamamos para pedir-lhe um favor?!

—Si estiver nas suas mãos?— está, é simples...

—Deixe-nos ver os seus dentes!

—Então, doutor, está agora com luxos—vamos queira abrir a bocca. Bem! assim! agora tenha a paciencia de esperar um pouquinho, Ladislau! traze a luneta.

—Cui-pa, doutor!

—Tenha a bondade de dizer—vocemecê mudou já os queixaes?!

—Sim? Ora essa! e como escreve então aquillo que vem na ultima carta aos magcos?!

—Não! doutor tenha paciencia—ou vocemecê não é o autor das cartas ou ainda não mudou os queixaes!

Pois nós acreditamos lá que uma pessoa,

que tivesse mudado os queixaes, escrevesse daquellas cousas!...

Pois nós engulamos que aficam nos segundos dentes declarasse a existência que o Diabo, veja bem doutor—o diabo! assistiu, em forma de gente, a nra sessão theoretica!

Ora tire o cavallo da chuva, doutor!... outro officio!

Somos capazes de apostar que vocemecê, que aliás é um homem intelligente e instruido, não disse aquillo de coração! confesse, doutor, aquillo foi para nos metter terra! Heim?! Veja lá si não acertamos!

Pois um homem, que viaja por Paris e outras cidades importantes da Europa, um homem que tem fida e estabelido, um jornalista, um paleontista de Lima, nega de experiencia que *«O homem, assim como os outros, volta no grande todo da materia, se descompõe, para recompor-se sobre outras formas, e se adapta por sua vez, segundo a ordem da divindade ou da natureza.»* Negue a geração espontanea e a transformação da materia para sustentar que o *«proprio diabo, o legitimo Salazar dos parvas e dos velhaços, presidia uma sessão theoretica e que, à vista de uma cruz que o senhor padre d'onde teve a bondade de erguer uma noivas os noivas, fez apagar todas as luzes, cahir todos os oradores, fugir todos os assistentes e estorvar como um raio, depois de ter rebando como uma serpente?»*

Pois isto é lá causa que se escreve? Pois isto é lá causa que se acredita?! Onde diabo estamos nós?! Em que terra de horrores vivemos nós! olá, seu padre, responda, vocemecê que o escreveu!...

Pois vocemecê vem da Pará pregar destas borracheiras cá no Maranhão—vocemecê vem nos cá contar que o diabo vai a sessões theoreticas e pint-la o diabo, é seu aquelle?!

Ladislau! agarra-nos este conego e caro Yu-o.

Que vocemecê dissesse que o tal menino, da tempo do rei Antiocho, não quiz comer carne de porco, e que por isso sua magestade mandou reduzi-lo a parafuso—vá lá que seja!—nós admitimos, porque então e abuso de carne de porco é pernicioso a saúde e por essa razão foi sabiamente prohibido entre os hebreus, mas que o diabo não transferisse em homem para andar romoseo na pandega, essa é que não engolimos, a não ser que vocemecê nos aponte a dedo aquillo que entre nós é o diabo!

Nós conhecemos toda a sociedade maranhense e não devemos fazer um juizo tomarrario de pessá alguma, na cantala temos o respeito do diabo o nosso juizo suspensa e em risco de cahir na primeira cabeça, que tiver duas crezes encasinhadas suspetas.

Onde estava elle?! em que corpo se tem aninhado?!—eis a grande questão!

E vocemecê deve esclarecel-a—deve dizer onde elle está, deve declaro-o, ah! o bom sou, para que, no caso que elle esteja, nos podermos defender o gaitar!

Depois que vocemecê aliançou-nos que o diabo tem o máo costume de se disfarçar em corpo humano e de se andar mettendo de gerra com a gente, por mais forte que seja nosso espirito, não podemos ter mais confiança em pessoa alguma—todos nos cheiamos a chamuseo e porcos-nos descobri um talho escondido em todas as calças.

Si dançamos—gosta-se-nos a tempo a verificar si o nosso lindo pre é ou não precisamente o diabo. Si embarcamos no bond afigura-re-nos ver o Chalupa ou o Leitão do pé do cubra. Si entramos a uma repartição publica—si atravessamos um armazem commercial—si percorremos uma rua—si fazemos

uma visita e cada si vamos a egreji—temos sempre a palga atraz da orelha—Seja o Augusto Almeida, seja a Mata Neta, seja o Sargento Raynardo ou simplesmente o senhor padre-Matã, pensamos sempre, percebeo por debaixo do peitão ou por debaixo da batina, uma ponta, um indicio, um signoshinha, que nos faça estremeoer e nos atrepio os rabelos!

Não é justo! não é razoavel! que vocemecê nos traga neste sobresalto! nesta desconfiança—de ora em diante quem é o bom?!

Quero no menos, doutor, ensinar-nos um meio de reconhecer o bicho! Dizer-nos, si aquillo não passa de arcauleira, como se pode descobrir quem é eu não é o diabo?

—Mas o que? agora repetamos!—o doutor está lá dormie?... Ora cebo! que esticavamos a fallar nos ventos!

O doutor! acorda, homem!—Ladislau entrega o chapéu aquilo senhor e vulture-o até a porta.

Pois—olha cá em segredo—vê se lie percebeo a ponta da roca por debaixo da batina!

EXPEDIENTE.

Recebemos e agradecemos:

O volume apresentado á Assembléa Geral do Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco.

O volume de Canções em Pernambuco, um grosso volume contendo os discursos e poesias cantados por occasião da sessão solemne promovida pelo Gabinete Portuguez de Leitura em hora ao immortal epico.

A Escrinhola, poemeto do sr. Silvestre de Lima (Cárto).

Neste pequeno, porém interessante trabalho, revela seu author apurado gosto pela poesia, combatendo com energia essa instituição infamante que infelizmente ainda alimentamos em nosso seio.

Comprimntamos e agradecemos ao seu author.

Trez ventaradas, mimo que nos foi offerecido pelos srs. Azevedo Filho & C<sup>o</sup> contendo annuncijs de medicamentos existentes em sua importante e acreditada pharmacia.

Os jornaes seguintes:

Impensas Estopicas (S. Paulo), e Corrigio (Rio de Janeiro).

As illustradas redacções agradecemos e em troca lles enviaremos o nosso jornal.

Por affluencia de materia, urgente, deixamos de continuar neste numero os nossos estudos sobre o passado da egreja, o que faremos opportunamente. E logo que nos chegarem certos documentos, cuja importancia é extraordinaria, trataremos com a nossa proverbial independencia da magna questão, que foi assumpto de conversão publica, no começo d'este anno.

Maranhão.—Impressa no Typ. do Prias.

Mutilado